

CAPÍTULO 1

ORIGENS HISTÓRICAS DA FORMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E ESPACIAL DA COMUNIDADE TENDA DO MORENO

Até 1722 esta pequena faixa de terra que representa geograficamente o nariz do Triângulo Mineiro, vinha sendo desprezada pelas bandeiras, dadas as suas condições geográficas, que não ofereciam garantias aos caçadores de metais preciosos (TEIXEIRA, 1970, v.1, p.1).



Reprodução do modelo de acampamento utilizado por bandeirantes e tropeiros na região do Triângulo Mineiro nos séculos XVIII e XIX. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

1.1 – Espaço, paisagem, território e lugar na formação da comunidade Tenda do Moreno: uma discussão teórico-metodológica.

A Geografia, entendida como uma ciência, pressupõe a existência de objetos de estudo diversos, sendo que, elegendo-se a relação sociedade x espaço como foco das análises da ciência geográfica, surgem para os geógrafos diversos temas a serem pessoas.

Ao considerar a relação sociedade x espaço entende-se que essas duas categorias de análise englobam ainda outras mais, como *natureza* e *tempo*. Em Geografia, a preocupação com a definição de seu objeto de estudo também levou em conta a definição de seus conceitos chave, como espaço, paisagem, região, lugar e território, os quais, dependendo dos conteúdos sócio-espaciais, ganharam maior ou menor destaque, ao longo da história do pensamento geográfico.

Sendo assim, as pesquisas realizadas no campo da Geografia necessitam de balizamentos teórico-metodológicos, os quais dão subsídio ao desenvolvimento dos objetivos propostos para cada tema pesquisado.

Quando se definiu, como objeto de estudo, a comunidade rural Tenda do Moreno, essa preocupação foi fundamental na determinação dos objetivos do presente trabalho. Neste sentido, entendeu-se ser necessária a revisão dos conceitos de *espaço*, *paisagem*, *território* e *lugar*.

Tomando como ponto de partida das discussões o conceito de espaço, no que tange ao processo histórico de formação da comunidade Tenda do Moreno, foi necessário considerar a categoria *tempo*.

Na concepção tempo-espaço pode se afirmar que o espaço é herdado e redefinido pelo homem, estando então relacionado a uma condição social e histórica. No entanto, deve-se considerar que nele convivem diferentes temporalidades sociais, caracterizadas por várias relações sociais. Neste sentido, para analisá-lo é necessário revelar as práticas sócio-culturais dos diferentes grupos humanos. Segundo Martins (1996), tais diferenças se inscrevem no espaço porque:

[...] Na realidade coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro. Nem todas as relações sociais têm a mesma origem. Todas sobrevivem de diferentes momentos e circunstâncias históricas (MARTINS, 1996, p.15).

Considerando as contribuições de Milton Santos (1982, p.1), no que se refere à concepção tempo-espaço, “o espaço é acumulação desigual de tempos”. Sendo assim:

[...] num mesmo espaço coabitam tempos diferentes, tempos tecnológicos diferentes, resultando daí inserções diferentes do lugar no sistema ou na rede mundial (mundo globalizado), bem como resultando diferentes ritmos e coexistências nos lugares (SUERTEGARAY, 2001, p.96).

Desse modo, pode-se afirmar que o espaço social reúne relações sociais que proporcionam transformações de várias ordens, ao longo de um determinado tempo histórico, e possui um caráter multidimensional, ou seja, agrupa aspectos culturais, religiosos, políticos e sócio-econômicos.

Suertegaray (2001), ao se referir à operacionalidade dos conceitos de paisagem, território e lugar, afirmou:

Considero estes conceitos mais operacionais, pois visualizo neles uma perspectiva balizadora da Geografia sob diferentes óticas do espaço geográfico, ou seja, cada conceito expressa uma possibilidade de leitura de espaço geográfico delineando, portanto, um caminho metodológico (SUERTEGARAY, 2001, p.96).

Considerando-se os conceitos chave – paisagem, território e lugar – como caminhos teórico-metodológicos que permitem compreender o espaço em sua totalidade e multiplicidade, pode-se afirmar que a paisagem se apresenta como o ponto de partida das análises geográficas, sobretudo com preocupações culturais, pois se encontra compartimentada por meio das características naturais (*paisagens naturais*) e das marcas impostas pelas práticas sociais e espaciais (*paisagens culturais*). “[...] os espaços geográficos, como as paisagens, podem ser organizados em grupos de diferentes escalas e serem considerados unidades de uma taxonomia geográfica” (TROLL, 1997, p.2).

No que tange à paisagem geográfica, entende-se que sua composição agrupa fatores de ordem física e cultural num determinado recorte temporal e espacial. Os componentes físicos são delimitados pelas formas do relevo, vegetação, e hidrografia. Quanto aos aspectos culturais, pode-se tratar das funções sociais, religiosas e econômicas da paisagem, e seus conteúdos simbólicos e materiais produzidos pelo homem.

Portanto, ao analisar o processo de formação espacial da comunidade Tenda do Moreno, a paisagem se revelou um importante instrumento de entendimento da construção dos núcleos rurais de povoamento, visto que as fazendas que atualmente (2007) fazem parte da comunidade refletem resquícios da organização espacial dos primeiros povoados que surgiram no lugar. Segundo Troll (1997, p.3): “Todas as paisagens refletem também transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados”.

Para Corrêa & Rosendahl (1998), a paisagem geográfica apresenta cinco dimensões: morfológica, definida pela natureza e ações humanas; funcional, devido

às relações entre suas diversas partes; histórica, pois, é fruto das atuações do homem; espacial, por possuir um recorte no espaço; e simbólica, por aglutinar conteúdos culturais imateriais, como valores, crenças, mitos e utopias.

A reunião de fatores físicos e culturais na paisagem é ressaltada nas palavras de Sauer (1998). De acordo com o autor, a paisagem é:

[...] uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais (SAUER, 1998, p.23).

Segundo Dardel¹, citado por Holzer (1999, p.159), a paisagem representa “[...] a inserção do homem no mundo [...] a manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social”.

Essa conceituação, criada no bojo da escola francesa de Geografia, refere-se a uma definição existencialista do termo, que entende a paisagem não somente pelo que é visível, ou seja, delimitado pelo campo visual; considera, também, outros aspectos de sua essência, entre eles os elementos culturais. Desse modo, define a paisagem tanto pela unicidade de seus elementos naturais quanto pela relação do homem com a natureza. Na primeira consideração, tratar-se-ia de paisagens naturais e, na segunda, de paisagens culturais.

Segundo Sauer (1998, p.59): “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado”.

¹ DARDEL, Eric. *L'homme et la terre-nature de la réalité géographique*. Paris: CTHS, 1990 [1 ed. Francesa: Paris: PUF, 1952]

Desse modo, as paisagens culturais podem ser entendidas como fruto da produção humana por meio da atuação nas paisagens naturais, dotadas de conteúdos materiais, imateriais e simbólicos que explicam, em parte, sua estrutura social, cultural e econômica.

Aprofundando as discussões teóricas a respeito do conceito de paisagem, fez-se uso das palavras de Holzer (1999):

O conceito de paisagem não pode perder seu significado essencial, no sentido fenomenológico, de uma formatação intersubjetiva de determinada porção da Terra delimitada por cultura relativamente homogênea, sendo que tal delimitação reflete o trabalho coletivo do homem sobre a Terra. Ela representa o acúmulo, através da memória, e o descarte, pelo esquecimento, das expressões e associações culturais que se definem sobre o espaço geográfico e que são a base do ser social das pessoas (HOLZER, 1999, p.165).

Nas paisagens inscrevem-se relações e limites territoriais que definem lugares e/ou territórios. A funcionalidade da paisagem se encontra, portanto, nas suas partes que podem ser representadas no território e também no lugar.

A primeira consideração em relação ao conceito de território refere-se a sua origem enquanto uma delimitação do espaço, por meio de usos diferenciados pelo homem ou pela coletividade, e definido a partir de relações de poder. “[...] o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder” (RAFFESTIN, 1993, p.144).

Neste sentido, considerou-se a formação das propriedades rurais pioneiras, na comunidade Tenda do Moreno, como sendo a delimitação de territórios, ou seja, apropriações do espaço a partir de mecanismos políticos e socioeconômicos, por meio da concessão de sesmarias.

Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera de imediato, a delimitação. Caso isso não se desse, a ação se dissolveria pura e simplesmente (RAFFESTIN, 1993, p.153).

Os territórios projetados pela criação de sesmarias, durante a ocupação do *Sertão da Farinha Podre*², no início do século XIX, atualmente (2007) não se encontram delimitados na paisagem conforme o desenho territorial original, pois, ao longo desse período, as sesmarias foram desmembradas em diversas fazendas ou mesmo em loteamentos urbanos.

Ao considerar a afirmação de Souza³ (1995), que define os territórios como sendo relações sociais projetadas no espaço, Suertegaray (2001, p.98) acrescentou que “estes espaços concretos podem se formarem ou se dissolverem de modo muito rápido, podendo ter existência regular, porém periódica, podendo o substrato material permanecer o mesmo”.

Desse modo, pode-se afirmar que os territórios não são fixos no espaço ao longo da história, ou seja, podem ser *temporários* ou mesmo *flutuantes*. Entende-se por territórios *temporários* aqueles que predominam durante curto ou longo período histórico, e *flutuantes* aqueles cuja existência é momentânea; por exemplo, os territórios delimitados pelas feiras e vendedores ambulantes, em uma cidade (informação verbal).⁴

² O *Sertão da Farinha Podre* ocupava as áreas que atualmente formam as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, conforme será descrito no item 1.2 do primeiro capítulo.

³ SOUZA, M.J.L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p.77-116.

⁴ Informação obtida na disciplina *Teoria e método da geografia humana*, ministrada pelo Prof. Dr. Rosselvelt José Santos, no Programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia-MG. Data: maio de 2005.

A delimitação concreta de um território por indivíduos ou coletividades implica criar marcas ou símbolos no espaço. Segundo Claval (2001, p.216):

De início, o grupo apropria-se coletivamente. Logo que anexe um território inabitado ou pretensamente vazio, seus representantes organizam uma **cerimônia**, erguem pela primeira vez as cores nacionais e erigem um **monumento**, não importa quão modesto seja – freqüentemente um simples marco de pedra –, para marcar sua passagem, solenizar o acontecimento e atestá-lo face a eventuais contestações (grifo do autor).

Teixeira (1970), referindo-se à atuação do sesmeiro João Pereira da Rocha, na demarcação de terras devolutas no município de Uberlândia, no início do século XIX, deu um exemplo da importância da delimitação do território por meio de marcas e símbolos. “Foi aberta uma clareira no mato à beira do rio Uberabinha, como demonstração de posse do terreno devoluto, segundo a praxe dos primeiros entrantes em zonas abandonadas” (TEIXEIRA, 1970, v.1, p.11).

Para se analisar a comunidade Tenda do Moreno também se considerou o conceito de lugar, tratando-o, a princípio, como a essência do espaço. “É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p.20), sendo que, “[...] A história que o produziu adquire uma dimensão social porque entra no cotidiano das pessoas, nas suas formas de viver e de relacionar-se [...]” (FELIPE, 2001, p.31). Portanto, o lugar é (re)construído em função de um tempo social e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de vida, usos e práticas culturais.

De acordo com Carlos (1996), o lugar se define como o centro da reprodução da vida e pode ser entendido pela tríade habitante-identidade-lugar. Desse modo, pode-se tratar do lugar da moradia, do trabalho, do lazer e do sagrado.

Na comunidade Tenda do Moreno o lugar se estrutura no plano do vivido, onde as relações e práticas sociais produzem conflitos, imposições, contradições⁵, e também superações, que são elaboradas pelas pessoas por meio das formas de viver segundo normas de conduta moral, sustentadas pela religiosidade católica.

Sendo assim, neste trabalho buscou-se entender a (re)construção do lugar a partir dos seus conteúdos históricos que fazem parte da memória coletiva⁶ e do imaginário social⁷ dos membros da comunidade Tenda do Moreno e condicionam a existência das práticas culturais e religiosas, bem como das relações sociais estabelecidas no cotidiano das pessoas do lugar.

As análises que permitiram compreender a existência do lugar Tenda do Moreno se deram no sentido de identificar e analisar os conteúdos sociais, culturais e espaciais presentes na sua (re)construção, desde a primeira metade do século XIX até a atualidade (2007).

Portanto, o lugar Tenda do Moreno pode ser entendido a partir do mundo vivido, das relações sociais, bem como pelos símbolos criados a partir das práticas religiosas, conforme é o caso dos cruzeiros. A manifestação desses aspectos cria sentimentos de pertencimento, fundamentados pelos valores morais ligados à religiosidade católica, construídos ao longo do processo de ocupação do espaço. “O conceito de lugar induz a análise geográfica a uma outra dimensão – a da existência

⁵ “[...] As contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais. Ao contrário, na concepção lefebvriana de contradição, os desencontros são também desencontros de tempos e, portanto, de possibilidades” (MARTINS, 1996, p.22).

⁶ “A memória coletiva são acúmulos de temporalidades vividas e a necessidade de pensar essa experiência histórica incorpora, também, a idéia de dar ao presente uma significância herdada do passado, mesmo que esse passado se atribua, através do imaginário e das suas referências simbólicas, um papel, um valor maior do que a sua realidade (FELIPE, 2001, p.24)”.

⁷ “A sociedade constitui o seu imaginário apoiada no mundo vivido e na concretude colocada pelas condições reais de sua existência. O imaginário não se reproduz no vazio das idéias, por vezes, confunde-se a uma ideologia, podendo ser gerenciado, manipulado na canalização de suas energias por interesses específicos, os quais se apropriam dessa força normatizadora de condutas e reguladora da vida coletiva (FELIPE, 2001, p.26)”.

– ‘pois refere-se a um tratamento geográfico do mundo vivido’” (SUERTEGARAY, 2001, p.98).

No que se refere ao mundo vivido dos primeiros moradores da comunidade Tenda do Moreno, que formaram as sesmarias na primeira metade do século XIX, percebe-se que a religiosidade católica das pessoas possibilitava a construção e reprodução de valores morais. Esses instituíam práticas culturais e religiosas, e ainda sustentam relações sociais estabelecidas entre os membros da comunidade na atualidade (2007), principalmente, aquelas relacionadas à realização das festas religiosas.

Os valores sociais baseados na moral religiosa são entendidos, sob o ponto de vista filosófico, como elementos advindos do cristianismo. Conforme se pode verificar nas palavras de Brochard (2006), a moral moderna difere da moral antiga grega devido a essa relação com o religioso.

[...] Podemos exprimir inicialmente a opinião que geralmente prevaleceu, que esta moral antiga não passa de uma moral inferior, muito imperfeita, um esboço da moral, visivelmente abaixo da nossa, inspirada pela tradição judaico-cristã [...]. Conceberíamos então a moral antiga como revogada pela moral moderna, que unicamente mereceria o nome de moral. [...] E é por isso que os modernos estão de acordo em defini-la como a ciência do dever ou a procura da norma dos costumes (BROCHARD, 2006, p.140).

Neste sentido, a moral religiosa instituiu, no imaginário das pessoas, a idéia da obrigação, dever e preceitos, que definem uma linha de conduta na vida cotidiana. Na comunidade Tenda do Moreno os deveres e as normas de conduta se fazem presentes nas práticas culturais e religiosas, bem como nas relações sociais.

[...] Que a idéia do dever seja essencialmente uma idéia religiosa ou de forma religiosa, é o que parece difícil de contestar se pensarmos que é somente do ponto de vista religioso, e particularmente do ponto de vista de uma religião revelada, que o princípio do dever pode ser apresentado com clareza e definido com precisão. Deus, por intermediários ou diretamente, faz conhecer suas ordens. Ele se empenha em recompensar ou em punir,

segundo suas ordens tenham sido observadas ou transgredidas. O dever, assim entendido, baseia-se num contrato; é uma **dívida**, e este é bem o sentido verdadeiro e original da palavra dever (grifo do autor)(BROCHARD, 2006, p.141).

Sendo assim, os deveres ligados aos valores morais, constituídos por meio da religiosidade católica, podem ser verificados no mundo vivido dos moradores locais em diferentes momentos da história do lugar Tenda do Moreno. Conforme será visto ao longo deste trabalho, os valores morais e religiosos permeavam as relações sociais e de produção baseadas na ajuda mútua comunitária; os acordos estabelecidos entre donos de terras, posseantes e agregados; e sempre estiveram presentes nas práticas religiosas, como as rezas nos cruzeiros e a festa do santo padroeiro do lugar.

Pode-se perceber a importância dos valores morais, baseados na religiosidade católica, os quais participam do mundo vivido dos membros da comunidade e se incorporaram a memória coletiva e ao imaginário social das pessoas. Esses valores produzem uma dimensão social que permeia o cotidiano, os modos de vida, as práticas culturais e as relações sociais, permitindo dinamismo ao lugar, no seu processo histórico.

Com relação aos componentes do imaginário social presentes no mundo vivido dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, percebe-se que estes estão ligados aos valores morais e religiosos. A importância desses valores vem sendo fundamental para a (re)construção do lugar, bem como para o surgimento das identidades, pertencimentos e de enfrentamento dos novos desafios sócio-espaciais ligados à produção. Estes podem ser percebidos tanto por meio de normas de conduta social, inscritas nas práticas culturais e religiosas e relações sociais, quanto

pelos simbolismos⁸ ligados aos espaços sagrados dos cruzeiros, capelas e oratórios residenciais.

Desse modo, as práticas sócio-culturais e religiosas evocam imaginários cujo poder mobilizador se sustenta a partir das normas de conduta baseadas na religiosidade das pessoas, as quais possibilitam entender o mundo vivido, suas contradições sociais, bem como os enraizamentos dos moradores no lugar.

Segundo Tuan⁹ (1983) apud Silveira (2007, p.73): “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. No que se refere ao lugar Tenda do Moreno percebe-se que, desde o início do século XIX até a atualidade (2007), sua existência vem sendo possibilitada por meio dos significados ligados à religiosidade católica das pessoas, os quais instituem valores morais presentes nas práticas culturais, nas relações sociais, bem como nas representações e simbolismos relacionados à propriedade privada da terra e aos espaços sagrados.

Contudo, é preciso compreender que o lugar existe nas relações sociais e, portanto, apesar de ser considerado como sendo porções do espaço apropriáveis para a vida, recebe influências “de fora”. “[...] No vivido a práxis é contraditória. Ela reproduz relações sociais.[...] não há reprodução de relações sociais sem uma certa produção de relações, não há repetição sem uma certa inovação” (MARTINS, 1996, p.22).

Neste sentido, o lugar não pode ser considerado como espaço cristalizado, pois se redefine e se transforma ao assimilar elementos externos. Faz-se

⁸ “O simbólico oferece os elementos para a existência do imaginário, mas o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária (...) o simbólico comporta quase sempre um componente ‘racional-real’; o que representa o real ou o que é indispensável para o pensar ou para o agir” (CASTORIADIS, 1982, p.154).

⁹ TUAN, Y.F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

necessário, então, considerar que no lugar se reproduzem tanto conteúdos culturais que lhes são próprios quanto aqueles que chegam “de fora” trazidos e impostos pelo processo de globalização. “O *genius loci*, ou a magia do lugar, está na sua possibilidade de ser particular e geral ao mesmo tempo, de articular escalas muito diferentes para organizar o seu mundo de relações para fora e para dentro” (FELIPE, 2001, p.9).

Além de ser o lócus do vivido e da construção das identidades, o lugar constitui-se como a base da representatividade das territorialidades humanas e também onde se inscrevem as tensões sociais.

As territorialidades podem ser entendidas por meio da relação do homem com o lugar, ou seja, na sua espacialização, mas de certa forma implicam uma modelagem dessas relações. Neste sentido, estas produzem as territorialidades e, ao mesmo tempo, são influenciadas por elas.

No processo histórico de construção do lugar, as relações sociais e práticas culturais instituídas pelos primeiros habitantes da comunidade Tenda do Moreno foram responsáveis pelo surgimento de modos de vida amparados por valores morais e religiosos comuns entre seus membros. Estes representaram o elemento fundante do lugar, cujas bases, ainda hoje (2007), vêm sustentando outras relações sociais e práticas culturais de diferentes temporalidades, mas que são mobilizadas a partir dos significados da religiosidade que fazem parte da memória social das pessoas do lugar.

Desse modo, ao longo do trabalho analisar-se-á o lugar na comunidade Tenda do Moreno considerando-se as transformações das relações sociais e práticas culturais que se processaram criando outras paisagens, mas permitindo a

(re)construção do lugar como espaço vivido a partir de resíduos de relações sociais e práticas culturais de tempos históricos diferentes, os quais são percebidos nos modos de vida.

1.2 – A construção das paisagens rurais no município de Uberlândia.

Ao investigar o processo histórico de (re)ocupação e (re)produção do espaço no município de Uberlândia, percebeu-se que suas origens estão ligadas às características do povoamento luso-brasileiro na região do Triângulo Mineiro, antigo *Sertão da Farinha Podre*¹⁰.

A história da ocupação do *Sertão da Farinha Podre* esteve ligada aos interesses da Coroa Portuguesa em explorar, economicamente, o interior do Brasil-Colônia, tendo como sujeitos desse processo, a princípio, os *bandeirantes* ou *sertanistas* e, posteriormente, mineradores, tropeiros e fazendeiros.

Ao longo do século XIX, centenas de sesmarias¹¹ foram concedidas no *Sertão da Farinha Podre*, como conseqüência da decadência da mineração em Minas

¹⁰ O *Sertão da Farinha Podre* abrangia o extremo oeste de Minas Gerais, que atualmente (2007) compõe as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e era formado pelos julgados de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque, criado em meados do século XVIII, e de Araxá, criado em 1811. As terras pertencentes à região do antigo sertão estiveram sob o domínio da capitania de São Paulo até o ano de 1736. Nesse mesmo ano a posse desta foi requerida pela capitania de Goiás, e por último, em 1816, foi definitivamente incorporada à de Minas Gerais.

¹¹ As sesmarias eram concedidas por intermédio das capitanias hereditárias, que formavam o Brasil no período colonial. O sistema de concessão de terras devolutas vigorou até o ano de 1822, ano em que ocorreu a independência do Brasil. No período de 1823 a 1850, vigorou o sistema de posse livre de terras devolutas, que foi extinto pela *Lei de Terras* de 1850, a qual instituiu a compra e venda de terras como único meio de acesso à propriedade rural. Segundo Candido (1997, p.59): “A sesmaria

Gerais, Goiás e Mato Grosso e da migração de fazendeiros, agregados, posseiros, dentre outros habitantes de áreas rurais, atraídos pela oportunidade de conseguirem porções de terras para obterem o sustento familiar e a geração de rendimentos monetários.

Dessa maneira, entende-se que o processo histórico de ocupação e formação do atual município de Uberlândia esteve ligado, inicialmente, à concessão de terras devolutas às famílias de migrantes oriundas, principalmente, da região central de Minas Gerais, como foi o caso de João Pereira da Rocha¹².

A produção do espaço e a formação do município de Uberlândia¹³, e por conseguinte da comunidade Tenda do Moreno, ganhou novos rumos após a chegada de várias famílias¹⁴. A partir desse momento, iniciou-se um fluxo migratório motivado pelas redes de parentescos que promoviam o surgimento dos núcleos de povoamento, constituídos por produtores e trabalhadores rurais.

Considerando-se o processo de ocupação de terras no município de Uberlândia pode-se perceber a seletividade das famílias às quais foram concedidas sesmarias, visto que se fazia necessário garantir a formação de contingentes de

foi a maior fonte de propriedade no regime colonial, consistindo, como se sabe, na concessão de terra a quem requeresse legalmente, com a condição de lavrá-la dentro de seis meses”.

¹² Aliando os interesses do Estado aos seus próprios, João Pereira da Rocha partiu de Paraopeba em direção ao Triângulo Mineiro, tomando como referência a Estrada de Goiás. Por volta do ano de 1817, ele chegou à margem esquerda do rio Araguari, oposta à aldeia de Santana do Rio das Velhas (atual município de Indianópolis), e tomou posse de uma porção de terras devolutas, as quais foram nomeadas como Fazenda São Francisco. Posteriormente, ocupou novas áreas que formaram a Fazenda do Letreiro, localizada em uma vertente próxima ao rio Uberabinha. Essas propriedades ocupavam uma vasta extensão de terras entre os rios Uberabinha e Araguari.

¹³ O desfecho da emancipação política do município de Uberlândia, que ocorreu em 31 de agosto de 1888, consolidou-se após os seguintes acontecimentos: criação do distrito de paz de São Pedro de Uberabinha em 1852; elevação do distrito a categoria de freguesia em 1857; e união das áreas territoriais das freguesias de Uberabinha e Santa Maria (atual distrito de Miraporanga), elevadas a categoria de vila em junho de 1888.

¹⁴ A ocupação e povoamento das primeiras propriedades rurais do município de Uberlândia foram propiciados por meio da migração das famílias Pereira, Rezende, Carrejo, Moraes, Peixoto, Barboza, Rodrigues, Gomes, Martins, Ferreira, Carvalho, Dias, Alves de Amorim, Camargo e os Cotta Pacheco.

trabalhadores para suprir a necessidade de mão-de-obra para o desenvolvimento de atividades produtivas, nas propriedades rurais. Portanto, as relações sociais de produção, presentes nesses estabelecimentos, eram estabelecidas tanto entre donos de terras e escravos quanto entre fazendeiros e trabalhadores livres.

Desse modo, a migração de famílias sem a posse de terras, atraídas pela oportunidade de se tornarem força de trabalho e suprir a demanda por trabalhadores nas fazendas recém-ocupadas no município de Uberlândia, foi importante para o surgimento dos primeiros núcleos de povoamento, na comunidade Tenda do Moreno.

1.3 – A formação territorial da comunidade Tenda do Moreno e a construção do lugar.

A formação da comunidade Tenda do Moreno deve ser entendida a partir do surgimento de núcleos rurais de povoamento em terras adquiridas pela família Carrejo, a partir da década de 1830, que compunham as fazendas Olhos D'água, Lage¹⁵, Tenda e Marimbondo.

No ano de 1832, Luiz Alves Carrejo adquiriu, por meio de troca, glebas de terras localizadas em Uberlândia. A permuta realizada entre Luiz e José Diogo da Cunha envolvia as suas respectivas fazendas: São João e do Rio das Velhas, sendo

¹⁵ O topônimo *Lage* atualmente (2007) é descrito como *Laje*, sendo que sua origem se deve à existência de um córrego homônimo. Sobre o assunto consultar Santos et al (2005b).

a primeira localizada no município de Campo Belo¹⁶. A fazenda do Rio das Velhas passou à denominação de Nossa Senhora da Conceição, sede da Sesmaria dos Olhos D'água.

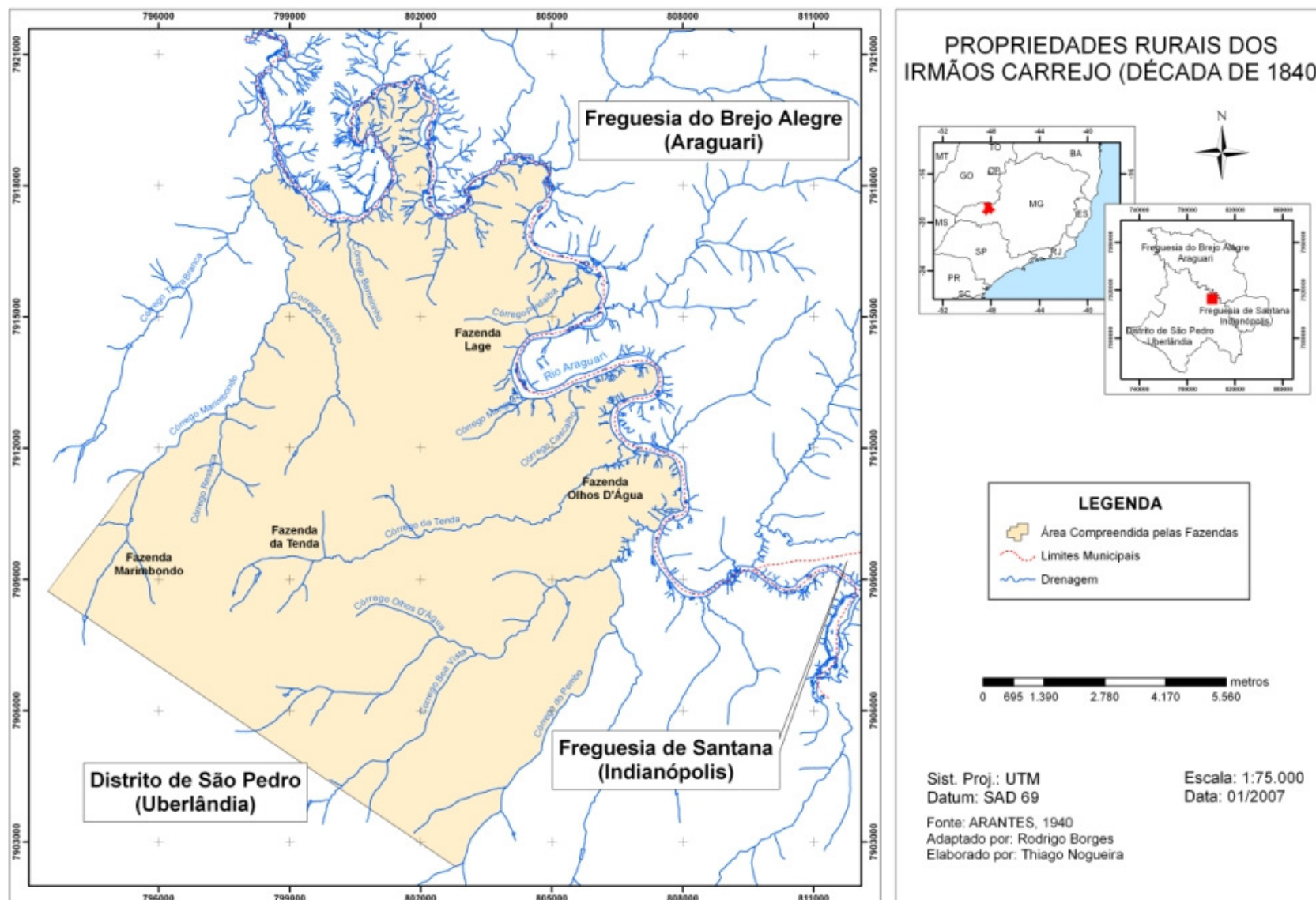
Segundo registros históricos, a intenção de Luiz Alves Carrejo era atrair a sua família para Uberlândia e adquirir mais terras próximas àquelas por ele permutadas. No ano de 1835, seu projeto familiar foi colocado em prática, com a chegada de seus irmãos: Antônio Alves Carrejo, Francisco Alves Carrejo e Felisberto Alves Carrejo; casados com Maria Eufrásia de Jesus, Joaquina Rodrigues e Luiza Alves Martins, respectivamente.

Após a chegada do restante dos irmãos Carrejo, a família adquiriu uma sesmaria de José Joaquim da Silva e parte de outra de João Pereira da Rocha. A extensão de terras da família Carrejo, que media aproximadamente (2.500) dois mil e quinhentos alqueires¹⁷, foi dividida igualmente entre os irmãos, sendo que as fazendas Olhos D'água, Lage, da Tenda e Marimbondo tornaram-se propriedades respectivas de Luiz, Francisco, Felisberto e Antônio (Mapa 1).

A chegada dos primeiros entrantes na comunidade Tenda do Moreno implicou na utilização de técnicas, utensílios e ferramentas, trazidas por estes, sendo que a adaptação às condições naturais impostas pelo bioma do cerrado promoveu novas formas de explorar o espaço, as quais foram incorporadas aos seus modos de vida e trabalho rurais.

¹⁶ Atualmente (2007) município de Campina Verde-MG.

¹⁷ A medida de área de um (1) alqueire corresponde, na região do Triângulo Mineiro, a 4,84 hectares (ha), ou 48.400 metros quadrados (m²).



Mapa 1 – Propriedades Rurais dos Irmãos Carrejo (década de 1840).

Referindo-se à chegada dos irmãos Carrejo, no ano de 1835, nas terras do município de Uberlândia, Teixeira (1970, v.1, p.19) mencionou que:

Dada a importância de sua penetração por terras desabitadas e desprovidas dos recursos necessários aos primeiros empreendimentos do posseante, como medida acauteladora, trouxeram alguns escravos, animais domésticos e apreciável quantidade de víveres, sementes e instrumentos agrícolas.

Nas primeiras fazendas criadas na comunidade Tenda do Moreno, as atividades agropecuárias que se destacaram foram a pecuária extensiva de corte e leite e a agricultura de subsistência.

Devido à utilização de técnicas consideradas rudimentares, segundo os padrões de produção atualmente (2007) predominantes, os plantios agrícolas eram feitos em *terras de cultura*¹⁸ nas chamadas *roças de toco*¹⁹, que possibilitavam melhor produtividade em relação às outras áreas de cerrado.

As técnicas e saberes produtivos utilizados pelas populações rurais na comunidade Tenda do Moreno, a partir do início do século XIX, envolviam, além das técnicas de cultivo e criação de animais, também a produção de ferramentas e utensílios domésticos, a construção de moradias e demais tipos de infra-estrutura presentes nas propriedades rurais, como currais, paióis, e fontes de água potável.

A demanda dos produtores por ferramentas, máquinas, artigos para montaria e utensílios domésticos era suprida pelas fábricas artesanais, principalmente de

¹⁸ Nas fazendas do termo de Uberaba, os inventários familiares do século XIX definiam as terras de cultura pelo tipo de vegetação que as cobria, ou seja, matas de cultura, capões de mato ou matas virgens, e capoeiras ou matas secundárias. As demais fisionomias típicas do bioma cerrado, como campo limpo ou sujo, campo cerrado, e cerrado stricto sensu eram utilizadas como áreas de pastagens naturais (LOURENÇO, 2005).

¹⁹ As roças de toco eram preparadas com a derrubada e a queima dos galhos e troncos das árvores de matas de cultura, sem arrancar as bases dos troncos e suas raízes, daí a origem do nome (BRANDÃO, 1981).

carpintaria e ferraria, conforme o caso da tenda de ferreiro localizada na antiga fazenda da Tenda (Figuras 1 e 2).



Figura 1 - Selarias e instrumentos, utilizados para montaria e para apascentar rebanhos, produzidos artesanalmente. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.



Figura 2 - Ferramentas produzidas artesanalmente em ferrarias. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

Existiam outros tipos de utensílios domésticos e máquinas, como o pilão²⁰ (Figura 3), engenho de cana (Figura 4), monjolo, a roca, roda de fiar e o tear das fiandeiras, produzidos pelos próprios moradores ou por artífices, dependendo do grau de habilidade e tipo de ferramenta empregada na fabricação.

Conhecer esses sistemas técnicos e as relações sociais de produção possibilitou desvendar parte do universo dos modos de vida e trabalho das pessoas inscritos na construção do lugar, o qual representa o espaço vivido.



Figura 3 - Pilão de madeira (porção inferior direita) e gamelas (porção inferior esquerda), utilizadas como pratos e tigelas. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

²⁰ O pilão era um tipo de máquina rústica de origem indígena (LOURENÇO, 2005), utilizado para triturar, descascar ou esmagar grãos e alimentos como milho, arroz, café, amendoim, carne seca, mandioca, rapadura e cascas de árvores, dentre outros.



Figura 4 - Engenho de cana caseiro utilizado para moer a cana-de-açúcar. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

Na comunidade Tenda do Moreno, a gênese do lugar esteve ligada ao fracionamento das sesmarias em propriedades rurais de menor área, por meio de contratos de compra e venda, e também pelas relações sociais entre posseantes e donos de terras, os quais cediam o direito de uso da terra a familiares; e, posteriormente, à formação e expansão dos núcleos rurais de povoamento, caracterizados por uma povoação dispersa no entorno das grandes propriedades.

Desse modo, o espaço vivido começou a se constituir por meio de relações sociais entre grandes proprietários de terras, produtores camponeses e trabalhadores rurais, bem como pelo surgimento de identidades e pertencimentos nutridos e fortalecidos pela religiosidade das pessoas.

Contudo, como as relações sociais de produção eram estabelecidas em função da propriedade privada da terra, isso implicava relações de exploração e,

consequentemente, em conflitos sociais de várias ordens. Na relação com a terra, os acessos e restrições eram determinados a partir das intenções que as pessoas não proprietárias apresentavam frente aos demais membros da comunidade. Portanto, elas sabiam que estavam constantemente sendo observadas e, conforme as suas condutas sociais, iam obtendo legitimidade para obterem o acesso à terra, por meio de acordos com os proprietários rurais.

O contingente populacional assentado, neste caso, em torno da fazenda da Tenda, de propriedade de Felisberto Alves Carrejo, deu origem ao primeiro núcleo rural do município de Uberlândia, conhecido como *Povoado dos Carrejos*²¹.

Arantes (1940, p.7) descreveu sucintamente as origens do povoado dos Carrejos da seguinte maneira:

Seguindo o itinerário dos Carrejos, vieram depois as famílias Peixotos, Barbosas, Rodrigues, Gomes e Martins, que se avizinham adquirindo pequenas propriedades na extensão do latifúndio dos primeiros. [...] E assim surgiu o progresso rápido das zonas, ao impulso do trabalho ativo daquela gente sadia e laboriosa. Organizou-se então o primeiro núcleo de habitantes, formando o **povoado dos Carrejos**, recebendo mais tarde a denominação de <<Tenda>>, em virtude de achar-se instalada ali uma oficina de ferreiro, da qual era proprietário Joaquim Martins Carrejo, filho de Felisberto Alves Carrejo (grifo do autor).

O povoado reunia características e funcionalidades de uma comunidade de produtores e trabalhadores rurais, e como tal elegeu, tacitamente, a figura de um líder ou representante, que na época era desempenhada por Felisberto Alves Carrejo. Ao referir-se ao papel realizado por este nesta localidade, Teixeira (1970, v.1, p.21) mencionou que:

Fixando sua residência na fazenda da Tenda, criou para aquele local um ponto de convergência de todas as atenções das regiões ocupadas, onde seus posseantes iam buscar conselhos e orientações para a solução de

²¹ Apesar de não haver registros históricos quanto à localização precisa do antigo *Povoado dos Carrejos*, pode-se afirmar que este originou a comunidade rural Tenda do Moreno, pois se localizava em terras da pioneira fazenda da Tenda.

questiúnculas comerciais, sociais ou familiares. Felisberto Carrejo criou em torno de sua figura patriarcal um culto de admiração e respeito de tal envergadura, que o transformou em apóstolo da família.

Considerando-se a figura paternalista de Felisberto Carrejo, frente aos seus posseantes e demais membros do antigo povoado, pode-se inferir que as relações sociais entre os donos de terra, posseantes e trabalhadores rurais eram mediadas e estabelecidas por meio de valores religiosos. Esses ajudavam a legitimar a exploração da força de trabalho, cujas representações minimizavam as contradições geradas pelo paternalismo e solidariedade dos proprietários de terras, frente aos não-proprietários.

Contudo, a sujeição das famílias de posseantes e demais trabalhadores rurais, que asseguravam aos donos de terras possibilidades de ganhos por meio da exploração da força de trabalho, representava, para as pessoas sem a propriedade da terra, uma estratégia de sobrevivência, visto que assegurava-lhes oportunidades de produzirem os meios de vida, mesmo que sob relações sociais de produção caracterizadas pela exploração do seu trabalho.

Sendo assim, percebe-se que o lugar foi-se estruturando por uma lógica de ocupação e exploração da força de trabalho que definia o estabelecimento de relações sociais entre donos de terras e não-proprietários, proporcionadas pelo compartilhamento de valores morais e religiosos comuns, inspirados na religiosidade católica.

Sabe-se que, no ano de 1835, Felisberto Alves Carrejo fundou e dirigiu a primeira escola de alfabetização do município, localizada nas dependências da sede da fazenda da Tenda (Figura 5). Sob sua tutela, as crianças em idade escolar que residiam nas proximidades eram instruídas, inclusive seu filho José Martins Carrejo,

com base nos ensinamentos por ele adquiridos no Seminário dos Padres Catequistas da Confraria de São Bento do Tamanduá, instituição responsável também por sua aquisição do ofício de ferreiro.



Figura 5 - Residência de Felisberto A. Carrejo onde funcionou a primeira escola de alfabetização, localizada na Fazenda da Tenda - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (início do século XX).

Devido à formação escolar de Felisberto Carrejo ter sido ligada aos ensinamentos religiosos adquiridos em uma instituição católica, pode-se compreender como a escola de alfabetização por ele dirigida, no antigo povoado, representou um importante meio de se ensinar e propagar, entre os moradores, os valores morais baseados no cristianismo.

Os ensinamentos do ofício de ferreiro foram transmitidos ao filho Joaquim Martins Carrejo, que construiu uma oficina de ferreiro, também denominada tenda, localizada no *Povoado dos Carrejos*, a qual originou o topônimo²² da fazenda da Tenda.

²² O estudo dos topônimos, na Geografia Cultural ultrapassa algumas visões que restringem a toponímia ao estudo etimológico, lingüístico e histórico dos nomes dos lugares. O batismo dos nomes dos lugares é muito mais que a escolha de um topônimo, ele pode significar a apropriação e

A representatividade social de Felisberto Carrejo, frente aos demais proprietários de terras e trabalhadores rurais residentes no entorno do povoado, também se devia às suas ações de liderança, consolidadas por meio da exaltação dos valores morais e religiosos, baseados na religiosidade católica.

Essas ações se manifestavam no sentido de promover e coordenar encontros religiosos, bem como de dar oportunidade de formação escolar e religiosa às crianças e jovens que tivessem chance de freqüentar as aulas lecionadas por ele, nas dependências de sua residência na fazenda da Tenda.

No que se refere às particularidades da construção do lugar, pode-se perceber a importante contribuição dos valores religiosos católicos, que mediavam as relações sociais, lastreadas por uma moral, também de inspiração religiosa, aceita e legitimada pelos moradores locais, e que repercutiram nos seus modos de vida e trabalho, desde o início da formação dos primeiros núcleos de povoamento na comunidade Tenda do Moreno e que, de certo modo, são percebidos até os dias atuais (2007), apesar das transformações ocorridas.

Desde o início da formação do povoado dos Carrejos, as famílias residentes na localidade, assim como nos povoados rurais vizinhos, realizavam seus compromissos religiosos na aldeia de Santana do Rio das Velhas²³, onde se localizava a capela mais próxima. No entanto, como as celebrações não eram realizadas com freqüência, devido à carência de sacerdotes da Igreja Católica, que

organização do espaço vivido. Para Seemann (2003, p.4): “[...] a toponímia de um lugar deriva de diferentes proveniências, resultantes de determinantes como aspectos geográficos, flora e fauna dominantes ou características, nomes de pessoas etc”.

²³ Atualmente (2007) município de Indianópolis-MG.

vinham do arraial de Uberaba²⁴, os expoentes comunitários, também acabavam desempenhando o papel de líderes religiosos (TEIXEIRA, 1970, v.1).

Portanto, os deveres religiosos dos moradores locais exigiam a elaboração de estratégias autônomas, por parte da comunidade, no sentido de garantir suas práticas religiosas, visto que a representatividade da Igreja Católica, por meio de seus sacerdotes, não se fazia freqüente, no lugar. Em diversas ocasiões, rezavam-se terços na residência de Felisberto. “[...] o mestre Felisberto Carrejo, cercado de numerosas famílias da redondeza, rezava o têrço todos os domingos, em sua própria residência, desobrigando-se dos deveres religiosos” (TEIXEIRA, 1970, v.1, p.22).

O caráter autônomo das práticas religiosas dos moradores dos primeiros núcleos rurais de povoamento, que originaram a comunidade Tenda do Moreno, criou vários lugares sagrados que proporcionavam diferentes tipos de manifestações religiosas, como o caso das orações realizadas em frente aos cruzeiros, as quais podem ser consideradas peculiares do lugar, se comparadas aos rituais católicos, ditos oficiais, da Igreja Católica.²⁵

Devido ao fato de os núcleos rurais familiares formados ao redor das propriedades dos irmãos Carrejo terem sido dispersos, pode-se entender a existência, no território da comunidade, de vários cruzeiros, bem como a sacralização desses locais para as práticas dos rituais religiosos dos moradores.

²⁴ Atualmente (2007) município de Uberaba-MG.

²⁵ As questões ligadas à autonomia das práticas religiosas dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, aqui consideradas como aspectos da religiosidade católica popular, serão analisadas de maneira consistente no segundo e quarto capítulos. Conforme será visto, a religiosidade representa um elemento constituinte dos valores morais das pessoas do lugar, e se manifestam nas suas práticas sócio-culturais apesar das transformações ocorridas na comunidade, representando, na atualidade (2007), resíduos de outros momentos históricos, que convivem com diferentes temporalidades modernas presentes no lugar.

Segundo Arantes (1982), na fazenda Olhos D'água havia um cruzeiro, erguido no alto de um morro, onde eram realizadas as rezas dos terços em louvor a Nossa Senhora da Conceição, considerada padroeira da fazenda pelo proprietário Luiz Alves Carrejo. Os vizinhos, a convite de Felisberto Carrejo, encarregado da coordenação das orações, rezavam os terços no primeiro domingo de cada mês. “Tempos depois, o sr. José Peixoto Carrejo e outros interessados construíram uma modesta capelinha no local, onde se reuniam agora os fiéis naquele singelo templo para a celebração tradicional” (ARANTES, 1982, p.19).

Desse modo, a presença dos cruzeiros e capelas rurais na comunidade, ao longo de sua história de formação, vem fazendo parte do cotidiano das pessoas, a partir das práticas culturais e religiosas, (re)criando relações sociais por meio da sociabilidade comunitária inscrita nos eventos religiosos.

As práticas culturais e religiosas, bem como as relações sociais conferem valores simbólicos ao processo de institucionalização de espaços sagrados, cujas representações dão significados à existência do lugar.

Sendo assim, a religiosidade católica dos membros da comunidade, bem como as relações sociais de produção inscritas nas propriedades rurais, possibilitaram a consolidação do processo de formação dos núcleos rurais de povoamento na localidade e, por conseguinte, do lugar Tenda do Moreno.

No início do século XX, as fazendas Olhos D'água, Lage, da Tenda e Marimbondó haviam-se desmembrado em diversas propriedades rurais e originado alguns núcleos rurais de povoamento, conhecidos na época como *bairros rurais*. Estes eram os seguintes: Lagoa (Faz. Olhos D'água); Tenda, Moreno e Pindaibas (Faz. da Tenda); e Marimbondó (Faz. Marimbondó). Referindo-se aos bairros rurais

mais populosos do município, na década de 1920, Pezzuti (1922, p.43) mencionou que: “Existem [...] bairros intensamente povoados, como Machados, Rio das Pedras, Cruzeiro dos Peixotos, Sobradinho, Burity, Terra Branca, **Tenda, Marimbondo**” (grifo nosso).

A constituição dos bairros rurais, nas terras delimitadas pelas pioneiras fazendas Olhos D’água, Lage, Tenda e Marimbondo, caracterizavam-se, conforme o caso do *Povoado dos Carrejos*, por povoamento disperso ligado a núcleos centrais de sociabilidade e religiosidade, materializados pela presença de escolas e capelas.

Desde a chegada dos primeiros habitantes, a lógica da ocupação das propriedades rurais estabeleceu o agrupamento das pessoas por meio de relações sociais amparadas por valores religiosos, orientações de vida e de trabalho comuns, os quais estabeleciam outras relações sociais e práticas culturais que consolidaram a construção do lugar, após o surgimento dos bairros rurais.

Os *grupos rurais de vizinhança*, denominados *bairros rurais*, tidos como a estrutura fundamental da sociabilidade, segundo Candido (1997, p.62)²⁶ consistem:

[...] no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo **sentimento de localidade**, pela convivência, pelas **práticas de auxílio mútuo** e pelas **atividades lúdico-religiosas**. As habitações podem estar próximas uma das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega (grifo nosso).

Neste sentido, a concepção dos bairros rurais não está ligada aos seus homônimos urbanos, pois não sugere uma densidade demográfica ou espacial, mas se expressam no lugar tanto pelos sentimentos de pertencimento quanto pelas

²⁶ O trabalho de Antonio Candido (1997) baseou-se em pesquisas realizadas no município de Bofete-SP e comparações estabelecidas com outras áreas de formação ou influência histórica paulista, como, por exemplo, as regiões sul e oeste de Minas Gerais.

relações solidárias, como o auxílio mútuo e a reprodução de aspectos religiosos comuns.

No caso dos bairros rurais que deram origem ao lugar Tenda do Moreno, a definição de Candido (1997) se aplica, sendo que, atualmente (2007), as características sócio-culturais e econômicas da referida localidade ainda permitem o estabelecimento de algumas analogias com esse conceito, principalmente no que se refere aos sentimentos de pertencimento e a representação das práticas religiosas.

Contudo, conforme será visto no quarto capítulo, as relações sociais, práticas culturais e religiosas estabelecidas entre as pessoas permitem entender o grupo social enquanto uma comunidade.

Cabe ressaltar que a formação dos bairros rurais se devia à ocorrência de propriedades rurais caracterizadas pela incorporação do trabalho familiar, com algumas exceções configuradas pelo auxílio mútuo intra-grupal. O contingente populacional também era formado por parceiros, agregados e demais trabalhadores rurais das fazendas.

A construção do lugar, bem como a constituição dos bairros rurais que deram origem à comunidade Tenda do Moreno estiveram ligadas à existência de relações sociais que nutriam e fortaleciam relações de dependência e de fidelidade, sobretudo frente aos donos de terra, bem como determinavam os modos de vida e trabalho das pessoas.

Portanto, em diferentes momentos do cotidiano dos moradores, eram instituídas práticas sócio-culturais que promoviam encontros e sociabilidades, por meio da união em torno de interesses comuns de parentes, amigos e vizinhos, como

no caso das festas religiosas, das relações sociais de produção estabelecidas entre donos de terras, parceiros e agregados, bem como da ajuda mútua, na realização do mutirão e da traição.²⁷

Desse modo, a relação de vizinhança não determinava a obrigatoriedade de envolvimento de todos os vizinhos nos eventos sócio-culturais, realizados a partir de imposições sociais, as quais acabavam promovendo a união da coletividade para resolver problemas em comum, geralmente relacionados à produção agrícola.

Precisa-se considerar que, no interior desses grupos rurais, podiam haver desentendimentos, os quais deixavam de fora alguns membros da comunidade, mas não inviabilizavam a instituição da ajuda mútua e a solidariedade comunitária. Ainda que, circunstancialmente, as imposições sociais lhes obrigavam a estabelecer uma sociabilidade mínima, caracterizada pela compreensão e tolerância àqueles que não podiam participar dos eventos comunitários.

Mesmo assim, o engajamento de vizinhos, parentes e amigos se apresentava como sendo necessário à continuação da solidariedade comunitária, no interior dos bairros rurais. Nos eventos, eram estabelecidas relações sociais que caracterizavam a essência do lugar, sendo que estas eram afirmadas e legitimadas com base nas imposições sociais decorrentes do poder da propriedade da terra e na conduta moral e religiosa de cada membro da comunidade. Portanto, além das determinações e necessidades comuns, era importante a confiança e o respeito entre os moradores, pois se tratava de acordos tácitos que visavam garantir a reciprocidade das práticas sociais, inclusive da ajuda mútua.

²⁷ No segundo capítulo, serão analisados os diferentes tipos de relações sociais de produção e de ajuda mútua, inscritos nas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno.

Com relação aos centros de referência social presentes nos bairros rurais, verificou-se a presença de escolas nos bairros localizados nas fazendas Olhos D'água, Tenda, Marimbondo, e Mangue.

A existência de escolas e capelas, no interior dos núcleos de povoamento, reforçava os sentimentos de pertencimento, bem como a idéia de unidade territorial, visto que representavam centralidades do espaço vivido, para os moradores.

Entre os anos de 1934 e 1942, durante mandatos do prefeito Vasco Giffoni, foram construídas as seguintes escolas municipais: Nestor Rezende; Felisberto Carrejo; Moreno; e Lagoa; sendo as duas últimas (Figuras 6 e 7) localizadas nos bairros rurais homônimos e as primeiras (Figuras 8 e 9), nos bairros Marimbondo e Tenda, respectivamente.

Existiu, também, uma escola localizada na fazenda Mangue, no entanto, não foram encontrados registros precisos quanto à época de sua fundação. Teixeira (1970, v.2) afirmou que ela foi construída durante o mandato de Raul Pereira de Rezende, entre os anos de 1963 e 1966.

Cabe ressaltar que todas as escolas citadas, anteriormente, deixaram de funcionar nesses locais, no entanto, não foram encontradas informações precisas referentes à época de seu fechamento.



Figura 6 - Ao fundo: Escola Municipal Rural Nestor Rezende, localizada na fazenda Marimbondo - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (décadas de 1940-50).



Figura 7 - Ao fundo: Escola Municipal Rural Felisberto Carrejo, localizada na fazenda da Tenda - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (década de 1940).



Figura 8 - Ao fundo: Escola Municipal Rural dos Morenos - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (ano de 1953).



Figura 9 - Ao fundo: Escola Municipal Rural Lagoa - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (décadas de 1940-50).

Atualmente (2007), não é possível definir o desenho territorial desses bairros, pois devido ao esvaziamento populacional dessas localidades, entre as décadas de 1970 e 1980, pouco ou quase nada restou dessas organizações territoriais. Apesar de esses bairros rurais terem sido fragmentados, a comunidade rural Tenda do Moreno abrange, de forma indireta, a região delimitada pelas fazendas dos irmãos Carrejo, e mais precisamente os antigos bairros Tenda, Moreno, Marimbondo e Pindaíbas, visto que, na área compreendida pela antiga fazenda Olhos D'água, foi formada uma comunidade homônima, dotada de escola e capela, sendo que, atualmente (2007), possui características similares à Tenda do Moreno.

Com relação à origem do nome da localidade, verificou-se que esse foi criado a partir da junção dos topônimos *Tenda* e *Moreno*, sendo que o primeiro, conforme descrito anteriormente, originou-se da presença de uma tenda de ferreiro no antigo *Povoado dos Carrejos*. O segundo topônimo provém da existência de um *boi carreiro*²⁸ de cor escura, que era visto pastando na região da fazenda da Tenda, o qual foi apelidado de *Moreno*, pelos moradores locais (SANTOS, R., 2005b).

Com o esfacelamento dos antigos bairros rurais que contribuíram para a formação da comunidade, a unidade territorial da localidade passou a ser representada pela capela São José do Moreno, bem como pelos demais prédios e infra-estruturas públicas que, atualmente (2007), compõem o conjunto arquitetônico comunitário da Tenda do Moreno. Nesse local também funciona uma mercearia de propriedade particular, que oferece serviços de alimentação, bebidas e espaços para recreação (jogos de truco, sinuca e futebol), e representa uma opção de lazer, na comunidade (Figuras 10/11).

²⁸ Entenda-se por *boi carreiro* os animais bovinos utilizados como tração animal nos chamados carros-de-boi.



Figuras 10/11 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno – Lado esquerdo: rodovia municipal 030 (trevo de acesso). Lado direito: Mercearia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 08/2006.

No ano de 1984, deu-se a construção do prédio da *Escola Municipal Tenda do Moreno* (Figura 12), cujo nome foi alterado devido à solicitação da família *Carrijo*²⁹, sendo que, por intermédio da lei municipal 7.099, de 17 de abril de 1998, a palavra *Tenda* foi retirada da fachada da instituição de ensino (ALVES et al, 2005).

A capela São José do Moreno (Figura 13) foi construída, em terreno doado pelos familiares de Candido Pereira Carrijo, aproximadamente na segunda metade da década de 1940 (ALVES et al, 2005), devido à necessidade de local apropriado para a realização de encontros e festejos religiosos, na comunidade.

²⁹ Os descendentes da família dos irmãos *Carrejo* passaram a utilizar o sobrenome *Carrijo* devido à mudança na grafia do nome, sem motivo aparente. Teixeira (1970, Não paginado) cita um depoimento de um padre, da cidade de Uberlândia, que fornece uma explicação para a mudança do sobrenome *Carrejo* para *Carrijo*. “Pela análise etimológica de nossa Paróquia do vocabulo em questão digo: os **carrijos** atuais são descendentes dos **Carrejos** antigos. Não há família Carrijos. O que ocorreu foi a ortografia do vocabulo, que dantes era escrito com a desinencia **ejo**; passando depois a ser escrito com a desinencia **ijo**, –pela razão que ignoro – antes: CARREJO agora, Carrijo. Como se verifica, o antigo nome não pode Ser Modificado, tratando-se de pessoas daquela tradicional familia, que na história conservará. A luz dos documentos da Igreja, os **Carrejos** existiram”(SIC)(grifo nosso).



Figura 12 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno – Ao fundo: Escola Municipal do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 08/2006.



Figura 13 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno: Capela São José do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

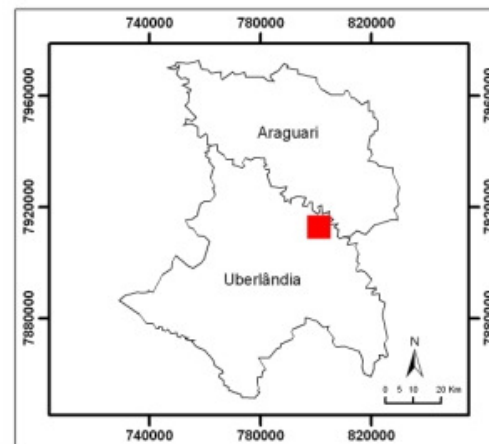
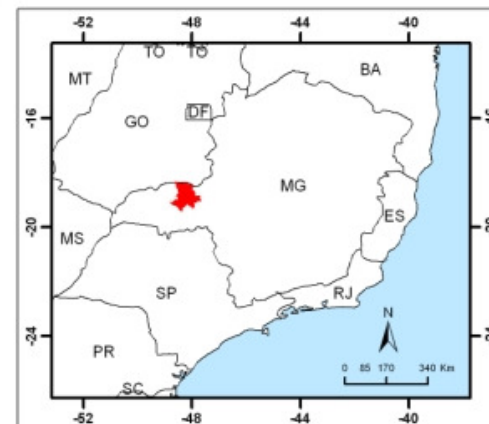
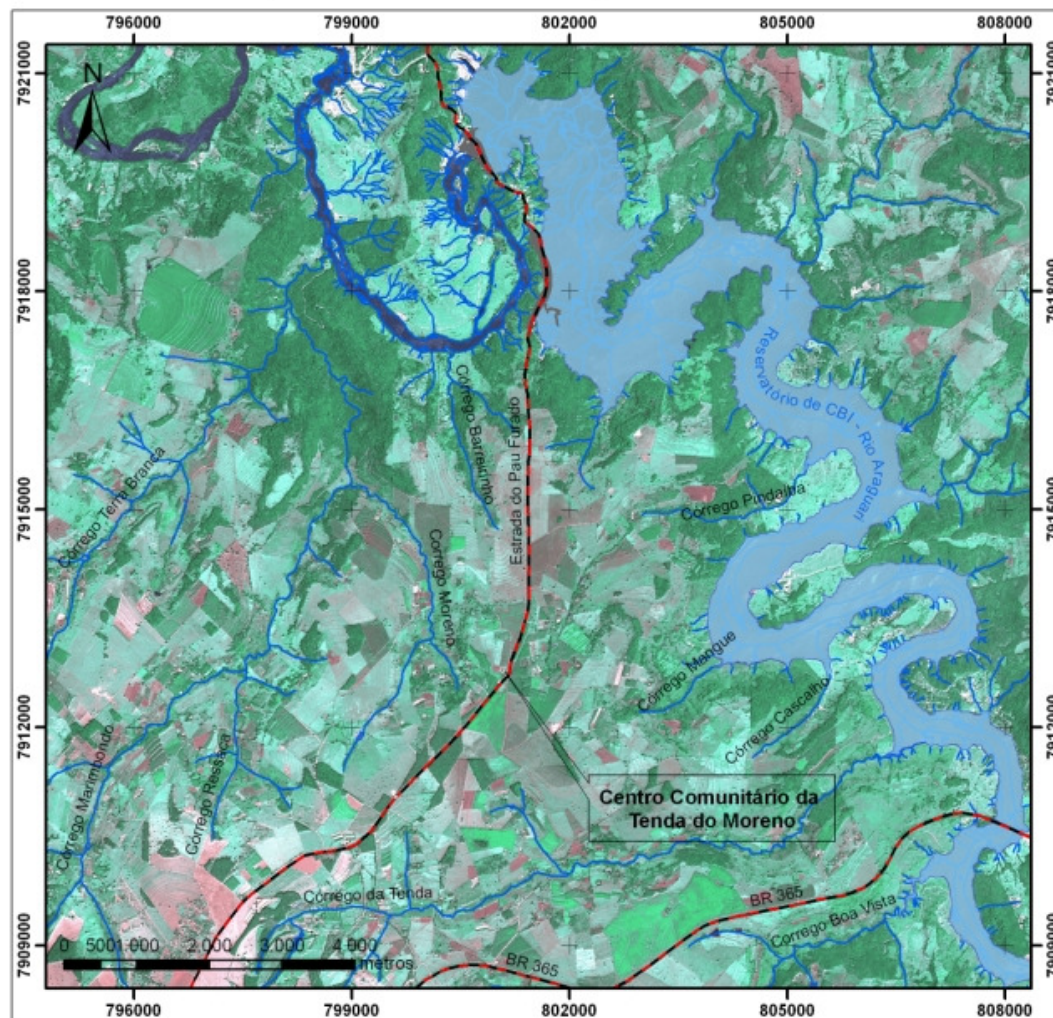
O conjunto arquitetônico de prédios públicos assume a função de centro comunitário, sendo composto por capela, escola, posto de saúde e campo de futebol; para onde convergem moradores das propriedades rurais do entorno, além de outras pessoas oriundas de comunidades vizinhas e até mesmo da cidade de Uberlândia, cujo principal acesso é feito pela rodovia municipal 030, conhecida popularmente como estrada do *Pau Furado* (Mapa 2).

No contexto do espaço vivido dos membros da comunidade, a capela representa um lugar sagrado e assume uma importância simbólica na memória coletiva das pessoas, cujos simbolismos remetem-nas a práticas religiosas, relações sociais e acontecimentos históricos que nutrem identidades e pertencimentos com o lugar.

Ao se analisarem as características da formação e expansão dos núcleos de povoamento, oriundos da divisão das fazendas Olhos D'água, Lage, da Tenda e Marimbondó em bairros rurais, pôde-se compreender que as espacialidades constituídas nessas áreas se originaram a partir de relações sociais amparadas por valores morais e religiosos, compartilhados pelas pessoas por meio de práticas culturais presentes no lugar. Estas foram elaboradas segundo interesses individuais e/ou coletivos, que promoviam o aparecimento de contradições sociais, conflitos, bem como superações, no plano da vida individual e comunitária.

No interior dos bairros rurais, alicerçavam-se relações sociais de produção e práticas culturais e religiosas, que foram responsáveis pela gênese do lugar, mas que, no decorrer da história, vêm (re)criando outras relações sociais, as quais se apresentam como sendo de diferentes temporalidades.

Mapa de Localização da Comunidade Tenda do Moreno



Fonte: Dados IBGE e Imagem SPOT 5 de 21/01/06 cedida pelo Consórcio Capim Branco Energia. Adaptado por: Rodrigo Borges; Elaborado por: Thiago Nogueira Data: 01/2007

Mapa 2 – Localização do Centro Comunitário da Tenda do Moreno.

Portanto, o lugar, como espaço do vivido, foi-se transformando, mas guardando alguns resíduos dessas relações sociais de outros momentos históricos, as quais podem ser percebidas a partir dos modos de vida.

No próximo capítulo, caracterizar-se-ão os modos de vida e trabalho dos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno, por meio da análise das práticas sócio-culturais e relações sociais de produção, bem como da importância da religiosidade católica na formação dos valores morais e religiosos das pessoas. Entende-se que esses valores caracterizavam a essência do lugar antes das transformações socioeconômicas ocorridas no espaço rural do município de Uberlândia, a partir da década de 1980.